

**FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL
CURSO DE PSICOLOGIA**

JHONATAN NOVAES DE SOUZA

SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: um palco para solidão

**COROMANDEL
2021**

JHONATAN NOVAES DE SOUZA

SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: um palco para solidão

Artigo apresentado a Faculdade Cidade de Coromandel como requisito parcial para conclusão do Curso de Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Charles Magalhães de Araújo

FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL
JHONATAN NOVAES DE SOUZA

SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: um palco para solidão

Artigo aprovado em ____ de _____ de 2021 pela comissão
examinadora constituída pelos professores:

Orientador:

Prof. Me. Charles Magalhães de Araújo
Faculdade Cidade de Coromandel

Examinadora:

Prof.^a Esp. XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Faculdade Cidade de Coromandel

Examinadora:

Profa. Dra. XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Faculdade Cidade de Coromandel

SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: um palco para solidão

Jhonatan Novaes de Souza*

Charles Magalhães de Araújo**

RESUMO

A Sociedade do Espetáculo é uma teoria revolucionária formulada para descrever os rumos que a sociedade pós-moderna estava tomando, se configurando como uma crítica ao modo de vida atual da sociedade capitalista. Uma sociedade narcísica que se mostra cada dia mais voltada para suprir o consumo exacerbado, ignorando a subjetividade do ser humano. Tal característica fez com que a psicopatologia se adequasse, se distanciando do modelo psicanalítico e indo de encontro ao modelo da neurociência, em que é visto apenas a questão sintomatológica do ser, sendo ignorada sua parcela subjetiva e única. Sendo assim, o ser entra em grandes conflitos, pois tem sempre uma parte de si que não é notada. O modelo de sucesso e a pressão imposta para o alcançar também são fatores que adoecemos ser que vive a fundo a realidade do espetáculo. O objetivo do presente estudo é revisar a obra *Sociedade do espetáculo* de Guy Debord, trazendo elementos da teoria psicanalítica, que serão principalmente enfocados na questão do homem atual, desvelando assim que o espetáculo é responsável pelas patologias narcísicas. O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura. Inicialmente, as ideias de Debord são clarificadas, traçando o caminho, por ele percorrido até o lançamento de sua teoria. Posteriormente, Freud é destacado, desde o início da clínica psicanalítica até seus desenlaces sociais, com sua teoria do mal-estar da cultura. Por fim, são abordadas as constituições subjetivas atuais, bem como as novas formas de sofrimento psíquico e a preferência pela medicalização, que com os dados atuais demonstra ser mais um problema que uma solução. E assim, as toxicomanias se tornam um enigma tanto para a psiquiatria quanto para a psicanálise.

Palavras-chave: Sociedade do espetáculo. Mal-estar na atualidade. Patologias narcísicas. Toxicomanias.

ABSTRACT

The society of the spectacle is a revolutionary theory formulated to describe the directions that the postmodern society was taking, configuring itself as a critique of the current way of life of capitalist society. A narcissistic society that is increasingly focused on supplying exacerbated consumption, ignoring the subjectivity of the

*Graduando em Psicologia pela Faculdade Cidade de Coromandel (FCC). E-mail: jhonatansouza2012@gmail.com

**Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e graduado em Psicologia pela Sociedade de Ensino Superior de Patos de Minas (SESPA). Docente da Faculdade Cidade de Coromandel, Psicólogo na Secretaria de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP/MG) – Presídio Sargento Jorge. E-mail: charles.de.araujo@gmail.com

human being. This characteristic made psychopathology fit, distancing itself from the psychoanalytic model and going to according with the model of neuroscience, in which only the symptomatological issue of being is seen, being its subjective and unique portion ignored. Therefore, the being enters into great conflicts, because it always has a part of itself that is not noticed. The success model and the pressure imposed to achieve are also factors that make the being who lives the reality of the upper room sick. The purpose of this study is to review the work *Society of the Spectacle* by Guy Debord, bringing elements of psychoanalytic theory, which will be mainly focused on the question of modern man, thus unveiling that the upper room is responsible for narcissistic pathologies. The present work is a literature review. Initially, Debord's ideas are clarified, tracing the path he traveled until the release of your theory. Later, Freud is highlighted, the beginning of the psychoanalytic clinic until his social outcomes, with his theory of cultural malaise. Finally, the current subjective constitutions are addressed, as well as new forms of psychological distress and the preference for medicalization, that with current data proves to be more of a problem than a solution. And so, drugs addictions become an enigma for both psychiatry and psychoanalysis.

Keywords: Society of the spectacle. Malaise at the present time. Narcissistic pathologies. Toxicomanias.

1 INTRODUÇÃO

Sociedade do Espetáculo é uma teoria revolucionária proposta por Guy Debord, tendo sua primeira publicação sido realizada na França, em novembro de 1967. Como o nome sugere, tal estudo traz várias inferências do autor sobre a sociedade e mediante suas observações, faz uma crítica a um modelo que para o estudioso é deveras prejudicial para a população mundial. No prefácio do livro, que leva o nome da teoria, Debord (1997) já enuncia que o leitor deve atentar-se ao fato de que a tarefa primordial do livro é se contrapor ao modelo de sociedade espetacular, evidenciando assim sua repulsa e descontentamento com o modelo social que impera atualmente.

Para compreender Debord, devem-se refazer seus passos, entender suas motivações, bem como pensar nas fontes das quais ele se beneficiou para chegar à compreensão do que se tornou sua teoria do espetáculo, bem como, ter a noção que por mais que seja uma teoria conhecida nos dias atuais, se percebem variados equívocos quanto ao seu uso e explanações atualmente.

A França da década de 1960 passava por um momento reflexivo sobre as obras de Marx, o que se deu devido à tradução para a língua francesa de *Teoria do romance e História e consciência de classe*, duas obras da autoria de G. Lukács, e

da obra *Marxismo e filosofia*, de K. Korsch. Guy, fundador e membro da Internacional Situacionista, grupo que surge em 1957, entra em contato com tais obras, que foram primordiais no cenário da discussão filosófica dentro do contexto da crítica social nos anos 1920-1930, e o que se tem como produto de tal contato é uma crítica ao capitalismo, com fundamentação nos conceitos marxianos de alienação, fetichismo da mercadoria e reificação (AQUINO, 2007).

Percebe-se que a teoria do espetáculo se configura como uma crítica ao modo de viver atual, pois ao analisar como a sociedade se estabelecia, o autor foi delimitando como o fenômeno da vida cotidiana se dava, fazendo inúmeras reflexões sobre tal.

Através de tal viés é possível vincular o estudo psicanalítico com a sociedade do espetáculo, já que desde os primórdios da sua obra Sigmund Freud se ocupou em analisar o cotidiano da vida humana, dando voz e atenção a um assunto marginalizado na época, e doravante porque dentro da teoria de Debord, a vida cotidiana é delimitada pelas atribuições sociais, que se encontra fixada pela alienação massiva do espetáculo que tende a dominar todas as relações e vínculos sociais, inclusive aqueles consigo mesmo (HARITÇALDE, 2014).

Dentre os trabalhos mais recentes que abordam a psicanálise e a sociedade do espetáculo, pode-se citar Birman (2016) que evoca as inferências de Debord como uma grande referência para se entender a construção subjetiva atual e Kehl (2015) que trata principalmente do espaço imagético dos dispositivos midiáticos que ditam os costumes sociais, convém ressaltar que embora abordem a sociedade do espetáculo, tais autores pouco se aprofundam nas questões fundamentais abordadas por Debord.

Birman (1999) elabora uma crítica direcionada ao modelo psicopatológico privilegiado pela nova configuração social, discorrendo principalmente sobre o fato da psicopatologia pós-moderna ter se separado da psicanálise, para se adequar ao novo modelo baseado na neurociência fazendo com que a subjetividade do ser fosse jogada para debaixo do tapete, privilegiando não a cura, mas a manutenção do espetáculo, ou seja, o ser adoecido precisa ser reestabelecido a condição de operante 'saudável' para dar conta das demandas sociais, e assim os psicofármacos se figuram como peça central para uma sociedade obstinada pelo sucesso e obtenção de figurar no centro do espetáculo, buscando o sucesso e status dominante. É abominável não ser notado.

O presente artigo se trata de uma revisão de literatura, e para sua confecção foram utilizados livros, dissertações e artigos, dando-se primazia para bases de dados da internet como SCIELO e BBTD. As seguintes palavras-chave foram utilizadas para delimitar a pesquisa: sociedade do espetáculo; psicanálise e patologias narcísicas.

A motivação para tal revisão se deve ao fato do interesse e análise social feita sobre o modelo atual vigente na sociedade. Uma sociedade narcísica que se mostra cada dia mais voltada para suprir o consumo exacerbado, ignorando a subjetividade do ser humano. Tal característica fez com que a psicopatologia se adequasse, se distanciando do modelo psicanalítico e indo de encontro ao modelo da neurociência, em que é visto apenas a questão sintomatológica do ser, sendo ignorada sua parcela subjetiva e única. Sendo assim, o ser entra em grandes conflitos, pois tem sempre uma parte de si que não é notada. O modelo de sucesso e a pressão imposta para o alcançar também são fatores que adoecem o ser que vive a fundo a realidade do espetáculo.

O presente trabalho tem por objetivo revisar a obra *Sociedade do espetáculo* de Debord (1997), trazendo elementos da teoria psicanalítica, que serão principalmente enfocados na questão do homem atual, desvelando assim que o espetáculo é responsável pelas patologias narcísicas.

A primeira seção será focada na obra de Debord, visando clarificar sua teoria. A segunda abordará o surgimento da teoria psicanalítica, seus caminhos clínicos, até a formulação do mal-estar na cultura. Posteriormente, a última seção se pautará na construção subjetiva atual que é fortemente marcada pela aparição das chamadas patologias narcísicas e por fim, trazer elementos que demonstram que um modelo psicopatológico que se baseia na sintomatologia e uso massivo de psicofármacos ainda está longe de ser o ideal.

2 SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: Gênese da crítica social

Para melhor clarificação do conceito de Sociedade do Espetáculo, uma trajetória pela história se constitui primordial isso se faz necessário para entendermos como o autor chegou a tal elucidação. O ponto de partida é o mundo pós-guerra, com a queda de Hitler e suas ideologias nazistas, bem como a rendição do Japão, o planeta ficou polarizado entre duas superpotências: os Estados Unidos

e a União Soviética. Assim foi instaurado o que hoje se conhece como “guerra fria”, onde ocorreu a oposição de capitalismo *versus* comunismo, o primeiro se caracterizando como um modelo mais liberal, economicamente falando, se baseando no taylorismo e fordismo, consolidando assim sua hegemonia na Europa e América Latina; o segundo já se apresentava como um modelo econômico mais rígido voltado para o fortalecimento do Estado (AFONSO, 2015).

Bem como se sabe, a Europa arrasada pelas guerras e temendo as intenções soviéticas adota o capitalismo como modelo econômico, abrindo espaço para democracia americana, liberal e competitiva.

Há então nesse período, uma enorme efervescência cultural, isso se dá pelo surgimento da cultura de massa, com o show business dominando os centros de lazer da época, abordando temas como o fim da guerra e uma nova onda de prosperidade. E assim, filmes de Hollywood dominam os cinemas europeus, acompanhados de um crescimento do cinema italiano e francês. Nos anos de 1950, há uma revisão das vanguardas atuantes no período entre-guerras onde movimentos como *Dadaísmo*, *Surrealismo* e *Bahaus Imaginista*. Porém, tais vanguardas perdem seu caráter de crítica radical, para assim se encaixar no sistema de produção cultural de ímpeto industrial, midiático e de massa. Temos importantes avanços no campo da arquitetura, urbanismo e design funcional (BELLONI, 2003).

Em 1952 na França traumatizada pela guerra e ocupação nazista, acontece uma reunião de intelectuais e artistas da época que se juntando criam um movimento intitulado *Internacional Letrista*, o que está diretamente ligado à criação do movimento artístico, político e poético criado por Debord, a *Internacional Situacionista*. A *Internacional Letrista* tinha como máxima uma proposta deveras revolucionária pois, o objetivo almejado nada mais era que uma reforma total da civilização e, Debord ao criar e lançar a *Internacional Situacionista* abraçou tal causa afirmando que antes de tudo, era necessário mudar o mundo e a forma que as pessoas vivem, evocando uma maneira mais livre de viver a vida (JAPPE, 1999).

Os situacionistas no período compreendido entre 1958 a 1969 publicaram 12 números da sua revista denominada *Internationale Situationniste*, até 1961 as mensagens publicadas se referiam basicamente a questões ligadas à arte, com enfoque na urbanização, porém os temas foram se aprofundando após esse período e a revista começou a abordar esferas políticas, sobretudo revolucionárias (JACQUES, 2003).

Dentre tais publicações, panfletos e ações realizadas pelos situacionistas, destacam-se três publicações que serviram para aumentar e difundir o espírito revolucionário no período anterior aos eventos de maio de 1968 na capital Francesa: a brochura coletiva publicada em 1966, *De la misère en milieu étudiant, considérée sous ses aspects économique, politique, psychologique, sexuel et notamment intellectuel, et quelques moyens pour y remédier*; o livro do situacionista Raoul Vaneigem, publicado em 1967, *Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations*; e o hoje clássico de Guy Debord, também publicado em 1967, *La société du spectacle* (JACQUES, 2003).

As várias discussões e debates acerca de ideias revolucionárias que Debord teve com seus comparsas situacionistas o despertaram para escrever sua obra mais famosa, a *Sociedade do Espetáculo* (DEBORD, 1997). Sintetizando bem o propósito de Debord ao escrever o livro, Belloni (2003, p.130) traz que Sociedade do Espetáculo:

...condensa, em poucas páginas, na forma de aforismos, num estilo impecavelmente elegante e claro, inspirado nos filósofos moralistas e nos memorialistas do século XVII, uma reflexão original sobre a sociedade contemporânea, que revisita, “desvia” e ressignifica – radicalizando – as categorias fundamentais do marxismo hegeliano dos jovens Marx e Lukács: alienação, falsa consciência, reificação, fetichismo da mercadoria, forma-mercadoria, valor de troca, trabalho abstrato.

Adentrando dentro de *Sociedade do Espetáculo* (DEBORD, 1997) pode-se perceber que nas primeiras teses compiladas, o autor se ocupa em conceituar um termo fundamental para a obra, o de espetáculo. Para ele, o espetáculo se apresenta de três formas, como sendo a própria sociedade, como uma parte dela e como um instrumento de unificação. Sendo resultado e o projeto do modo de produção operante e sob todas as formas em que é apresentada, seja informação ou propaganda, publicidade ou entretenimento, o espetáculo se configura como modelo atual da vida atuante na sociedade.

Paiva e Oliveira (2015) evocam ainda que o espetáculo em Debord é o momento do desenvolvimento pleno da lógica mercantil descrita por Marx, sendo esse um momento em que há superabundância de mercadorias, que se tornam supersensíveis e que escapam se tornando imagens independentes em relação ao homem e a sociedade.

Compactuando com tal percepção, Coelho (2016) traz que um fator imprescindível para a compreensão da teoria de Debord, é necessário ter noção dos vínculos que ela faz com a teoria crítica da sociedade capitalista. Jappe (1999) inclusive aborda que para se entender o que o filósofo francês queria nos elucidar, é necessário situar suas teorias entre as ideias marxistas. Perceber tal aproximação entre as teorias é de certa forma fácil, já que na primeira tese de *Sociedade do Espetáculo* (1997), é possível perceber uma paráfrase da primeira frase de *o Capital* (MARX, 1985).

Belloni (2003) traz que a obra de Debord busca centralizar seus esforços teóricos sobre um tema central da obra de Marx, que foi deixado de lado pelo marxismo oficial: a crítica radical ao fetichismo de mercadoria, conceito de difícil entendimento, sendo o conceito de espetáculo primordial para sua compreensão, já que nele, Debord elenca todas suas ideias sobre a sociedade contemporânea. que dão direção para a compreensão do estudo marxista.

Essa centralização fica evidente na tese trinta e seis do livro de Debord (1997), onde o próprio autor discorre sobre o tema dizendo que “É pelo princípio do fetichismo da mercadoria, a sociedade sendo dominada por ‘coisas supersensíveis embora sensíveis’, que o espetáculo se realiza absolutamente (p. 29).”

Paiva e Oliveira (2015) discorrendo sobre o fetichismo da mercadoria elucidam que é necessário trazer esse tema para a atualidade como uma espécie de ideologia. Também se faz importante compreender que tal teoria não se trata de um ofuscamento projetado sobre a mercadoria que serviria para mascarar as verdadeiras relações de produção baseadas na exploração do trabalhador, porém se trata do verdadeiro fundamento das relações modernas: o movimento imparável e auto justificado da valorização do dinheiro, que é objetivo final de toda produção mercantil.

Nesse âmbito Marx (1985) discorre que a sociedade se em uma situação que o processo de produção domina os homens e não o contrário, sendo assim, para ele o fetichismo de mercadoria é em primeiro plano, o movimento automático de valorização incessante do dinheiro, algo que não é visto, mas que está no centro da mercadoria, um movimento que é o elemento fundamental do objeto-fetice. E se diferindo de objetos fetichistas primitivos, esse serve para alimentar um funcionamento social.

Jappe (1999) em seu estudo sobre a obra de Debord elucida sobre o fetichismo da mercadoria dizendo que este significa que a existência humana está atrelada às leis que são fruto da natureza do valor, sendo a primeira delas sua necessidade imparável de aumentar. Assim, a sociedade vive presa a essa lógica de sempre precisar transformar dinheiro em mais dinheiro, algo que precisa sempre encontrar novas maneiras de expansão ilimitada, buscando sempre romper barreiras do ponto de vista objetivo quanto subjetivo, e é isso que conceitua o fetichismo moderno (JAPPE, 2006).

Assim têm-se a estruturação da Sociedade do espetáculo, onde diferentemente de teorias como a da mais-valia e da luta de classes, que se organizam do ponto de vista dos explorados, ela se situa na visão do fetichismo da mercadoria onde tanto o proletário quanto a burguesia atuam, ambos submetidos à lógica do espetáculo. Então a teoria do espetáculo parte de uma crítica a partir da visão dos explorados para ser uma crítica a forma de vida social que é dominada pela mercadoria e sua lógica (PAIVA; OLIVEIRA, 2015).

Debord, busca com sua teoria da sociedade espetacular, trazer o fato da população estar vivendo uma inconsciência social. Ao inferir que não temos domínio sobre a organização social e de que as imagens superabundam sobre a sociedade, já temos apontamentos sobre essa inconsciência. Para Jappe (2006) tais evidências mostram que por mais que hoje se diz que o sujeito pode ser considerado como autodeterminado na sociedade atual, ainda há algo que lhe escapa, fazendo com que sua consciência seja apenas relativa, escapando algo de ordem social.

3 PSICANÁLISE: da clínica a sociedade

Sigmund Freud inicia seu percurso no âmbito psicanalítico ao investigar o funcionamento psíquico das histéricas, não pela via teórica, mas pela via experiencial tratando os problemas e sofrimentos, que o médico tentava eliminar com insucesso. A histeria não era uma patologia nova na sociedade, mas já vinha intrigando médicos há séculos, todos ávidos a entender sua causa (FULGENCIO, 2002).

O jovem Freud, no início do seu percurso médico, desejava permanecer no laboratório de fisiologia de Brücke, quem muito admirava, porém foi o próprio Brücke em 1882, analisando a situação econômica de Freud que insistiu para que ele

seguisse a carreira prática, largando a teoria. Assim, Freud ingressa no Hospital Geral de Viena (FREUD, 2011).

É nesse ambiente que Sigmund teve seu primeiro contato com pacientes psiquiátricos. A psiquiatria alemã em suma, acreditava que as patologias mentais eram causadas por algum dano ou inflamação no sistema nervoso. Nesse contexto Freud se forma e, como pesquisador se aproxima do estudo da histeria, graças a Josef Breuer, renomado médico da época, que recebia em seu consultório alguns pacientes com essa patologia (MARCOS; OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

Então Freud, intrigado com a histeria resolve pedir uma bolsa para continuar seus estudos com Charcot, em Paris no de 1885, pois segundo ele, já tinha absorvido o bastante da psiquiatria alemã, portanto era chegada a hora de buscar um novo olhar nessa temática e a psiquiatria francesa foi o destino escolhido para tal (FULGENCIO, 2002).

A psiquiatria francesa nesse quadro, representada por Charcot, diferia da alemã já que via as doenças psiquiátricas como algo além de um dano ou inflamação, para tais estudiosos havia um fator psíquico, existindo algum lugar, uma instância de ideias inconscientes que seriam o motivo pelos distúrbios psicológicos. Isso faz com que Freud tenha contato com a noção de que os seres humanos não estão só conscientes, psiquicamente falando, mas que há algo inconsciente que atua sobre nossa psique, dando bases para o que Lacan chamou de uma revolução copernicana (BARATTO, 2009).

Pode-se inferir que essa passagem de Freud por Paris, foi fundamental para o desenvolvimento da psicanálise, já que em uma de suas correspondências ao falar de Charcot, Freud diz "...nenhum homem teve tanta influência sobre mim (FREUD, 1982). " Posteriormente, ele ainda discorre dizendo que o que mais lhe chamou atenção nos estudos de Charcot, foram suas considerações sobre a histeria.

Para Freud, foi Charcot quem trouxe as maiores contribuições para o estudo da histeria, listando a descrição completa de suas manifestações, demonstrando suas ordens e regularidades, além de como realizar um correto diagnóstico, e é importante pontuar que ele a definia como uma neurose (FREUD, 1996).

Freud ainda pontua a importância de através da hipnose, Charcot trazer um avanço importante para a compreensão das paralisias histéricas. Já que quando estava em transe a paciente deixava de apresentar sintomas, porém sempre que voltava ao normal, os sintomas apareciam novamente. Foi a partir desse método

que Freud percebeu que a histeria apresentava além dos componentes conscientes, aspectos advindos do inconsciente (RUBIN, 2017).

Freud abandona esse método de tratamento pelo fato dele não garantir a cura, já que a paciente só apresentava melhoras quando estava sob hipnose. Porém, se usufruindo das ideias de Charcot sobre os aspectos traumáticos da histeria, Freud afirma com sua *Teoria da Sedução* que o trauma causador dessa patologia era de origem sexual, como um trauma vivido na infância, sendo uma sedução real. Porém, ele abandona essa teoria, apresentando a noção de fantasia, atribuindo ao trauma um aspecto psíquico (BELINTANI, 2003).

Nos *Estudos sobre a Histeria* (FREUD, 1996), Sigmund traz os conceitos norteadores de uma nova conceituação do inconsciente: o recalçamento, a ab-reação, a defesa, a resistência e a conversão. E em *A Interpretação dos sonhos* (FREUD, 2019), ele reconhece que a principal causador da histeria é o conflito psíquico. Porém, foi com a conceituação do Complexo de Édipo e Angústia de Castração que ele pode compreender o núcleo da histeria (ROUDINESCO; PLON, 1998). Com tais estudos, chegou-se o momento em que a própria noção de histeria se fundiu com a psicanálise, a ponto de que era impossível desassociar os dois termos.

Porém Freud não se atentou somente à histeria, já que a psicanálise não se configura como um tratamento terapêutico, mas vem se tornando cada dia mais uma ciência, a do psiquismo humano, de processos inconscientes num nível individual, grupal e até mesmo institucional, tanto que nos dias atuais, é possível fazer investigações psicanalíticas sobre os variados campos da vida humana e social (ENRIQUEZ, 2005).

O interesse de Freud sobre a sociedade pode ser percebido em vários dos seus estudos dentre os mais importantes podemos citar *Totem e Tabu* (FREUD, 2012) onde o autor dispõe sobre a importância dos símbolos que são sagrados para sociedade e os tabus que são proibições de origem incerta, mas que vigoram na nossa cultura; *Moisés e o monoteísmo* (FREUD, 2018), onde ele se ocupa em construir uma teoria psicanalítica contra o antissemitismo.

Porém, para esse estudo se constitui importante a análise de outra obra freudiana intitulada *O mal-estar na civilização* (FREUD, 2010), onde o autor trata de uma temática muito interessante para a sociedade: o sentido da vida e como ele está diretamente ligado à sociedade. Freud inicia o livro abordando o propósito da

vida e como a religiosidade tenta ofertar respostas a uma questão tão complexa, porém descarta que haja uma resposta universal para todos seres humanos, já que esse sentido só pode ser alcançado individualmente, mas como Moreira (2005, p.287) elucida:

(...) Freud oferece uma possibilidade de colocação universal: os homens se esforçam para obter a felicidade, e esta é alcançada por meio da vivência de intensos sentimentos de prazer e diante da perspectiva da ausência de sofrimento. Fundamentando-nos na lógica interna da teoria psicanalítica, podemos dizer que o propósito da vida está submetido ao programa do princípio de prazer.

O princípio do prazer não é uma teoria formulada por Freud, porém ele é responsável pelo seu desenvolvimento. Em suma, esse princípio postula que para atingir uma satisfação almejada, o ser depende de uma energia pulsional voltada para isso, mas essa satisfação jamais alcançará o ponto que o indivíduo realmente espera, isso se dá pelas próprias expectativas do ser, suas frustrações internas ou por questões socioculturais e assim o princípio da realidade se manifesta, impedindo que o ele viole questões éticas e morais para satisfazer seus desejos internos (LEITE, 2015).

Com isso, Freud quer dizer que será impossível alcançar um estado pleno de felicidade, sendo impossível alcançar um prazer definitivo. Para ele, só existe prazer em contraposição ao sofrimento. Então a felicidade real é rara, pois nos surpreende e é repentina. Já o sofrimento ou infelicidade se apresenta de forma mais corriqueira em nossa sociedade e acontece em três momentos: o primeiro se dá no próprio corpo; o segundo no mundo externo e o terceiro nos relacionamentos com os demais seres humanos. Sendo o terceiro a maior causa de nosso sofrimento. Sem o encontro com o outro, não haveria uma sociedade sendo assim, a constituição da esfera psíquica depende disso, de um encontro com o diferente (MOREIRA, 2005).

Diante disso Inada (2011) aborda que os homens amenizam suas reivindicações de felicidade, se considerando felizes apenas pelo fato de terem escapado do sofrimento ainda que momentaneamente. A autora continua discorrendo que Freud ao analisar os modos utilizados pelos homens para fugir da infelicidade, diz que nenhum deles é capaz de garantir a felicidade total, pelo simples fato de isso representar um estado neutro de tensão, e isso corresponde psiquicamente ao estado de morte, o que não compactua com o princípio de prazer que está envolto com a pulsão de vida, buscando sempre sua satisfação.

4 MAL-ESTAR NA ATUALIDADE: constituição subjetiva e psicopatologia atual

É notório que Debord (1997), com sua teoria da Sociedade do Espetáculo, visava promover uma revolução social, criticando que a vida estava se tornando apenas um receptáculo para armazenar e acumular espetáculos. Como Viscardi *et al.* (2012) pontua, a crítica maior reside no fato dos indivíduos serem alienados a esse modelo de funcionamento social e simplesmente, o aceitam se tornando mercadoria do espetáculo.

Se aprofundando mais nessa pontuação, é seguro dizer que esse mundo de imagens e pura contemplação descrito pelo autor, ultrapassa as linhas teóricas, se fazendo presente na atualidade, onde se vive, socializa e interage tendo como base as aparências, e é claro a lógica do mercado que domina sobre tudo.

Com isso, se torna inquietante pensar como se dá a subjetividade numa sociedade espetacular, onde imagens mediam o todo. Partindo desse pressuposto se destaca o trabalho de Maria Rita Kehl (2015), que aborda como a subjetivação se dá pelo espetáculo, fazendo um compêndio entre as ideias de Theodor Adorno e Guy Debord.

Adorno (2020) com seu estudo sobre a indústria cultural, aponta como o advento da televisão propiciou o acesso da população as mais variadas culturas e como o capitalismo se apropriou disso para transformá-las em produtos. Enquanto a teoria debordiana já diz de um momento histórico onde os meios de comunicação estavam mais evoluídos, assim como discorre Kehl (2015, p. 71):

Não estou certa de que a passagem do conceito de indústria cultural para o de sociedade do espetáculo represente uma mudança de paradigma; talvez seja uma consequência da própria expansão daquela indústria, tal como Adorno a analisou em 1947, com o auxílio da mais poderosa de todas as mídias: a televisão. Da indústria cultural à sociedade do espetáculo, o que houve foi um extraordinário aperfeiçoamento técnico dos meios de se traduzir a vida em imagem, até que fosse possível abarcar toda a extensão da vida social.

É nesse interim que se encaixam as ideias de Marcuse (2015), que se aprofundou no estudo das sociedades industriais avançadas, afirmando que o modelo social proposto por Henry Ford, que defende que a produção em massa necessita do consumo em massa, se utilizou dos meios de comunicação em massa

para transformar o trabalhador em consumidor dos bens que ele fabricou, sendo essa a base do capitalismo.

Conforme Silva (2017) aborda, os meios de comunicação se tornam a partir desse momento um importante instrumento formativo do homem na sociedade, já que enquanto a publicidade age de forma mais direta e deliberada, disponibilizando variados produtos que ditam novos estilos de vida, de forma mais indireta e subliminar têm-se as produções que a indústria cultural oferece. É assim que o consumo alienado se forma.

Assim se tem a confirmação da tese número 30 de Debord (1997), onde o autor discorre sobre a alienação que a sociedade espetacular impõe aos indivíduos, se configurando como uma cena em que quanto mais os seres consomem o que lhes é ditado e ofertado, eles perdem a noção da própria existência, e conseqüentemente do próprio desejo. Se tornando assim, indivíduos cada vez mais vazios de si mesmos, mas cheios da exterioridade espetacular, pois se nutrem do que a mídia impõe para assim estarem conectados e se sentirem participantes da sociedade.

Retornando a Freud (2010), tem-se que a subjetividade humana é inerente a cultura, ou seja, ela se constitui como um fator determinante para que o ser se constitua enquanto participante da sociedade. Viver em sociedade significa viver à mercê de regras e limites, porém um ser que renuncia suas vontades ou parte de sua felicidade em prol de uma adaptação social, em um ambiente seguro e protetor, sentirá sofrimento psíquico, se configurando assim o mal-estar da civilização.

É seguro dizer que o mal-estar vai se atualizando conforme novas culturas vão surgindo, e sendo assim, novas formas de sofrimento psíquico aparecem (OZELAME, 2018). Tendo a Sociedade do Espetáculo como base da sociedade atual, podemos dizer que as novas formas subjetivas nela percebidas estão voltadas para um indivíduo que se preocupa com a exterioridade de si mesmo, já que está alienado ao consumo exagerado e desenfreado. O foco é se tornar mais um espetáculo para contemplação do outro (BIRMAN, 2017).

Tais características evocam uma sociedade narcísica, onde as formas de sofrimento psíquico não compactuam com as mesmas presenciadas na época de Freud, como Birman (2017) aponta a dor é a característica principal do sofrimento psíquico nos tempos atuais, sendo algo que apenas o sujeito sente não podendo ser compartilhado com o outro, e isso se dá, pois nesse modelo narcisista de sociedade

os sentimentos estão centrados no eu, o que causa uma impossibilidade de evocar o outro em apelo, que o outro se faça presente e assim, o sujeito busca formas de aliviar tal dor. As formas mais utilizadas para alívio da dor do sujeito narcisista estão centradas nas compulsões, na violência ou por meio das somatizações.

A compulsão é a forma mais comum de alívio, e se dá por maneiras variadas, como compras, refeições, busca de um corpo ideal e drogas. Percebe-se que tais compulsões estão diretamente ligadas à lógica de consumo, onde o sujeito tenta evitar desprazer a todo custo na busca de uma felicidade contínua, como pontuam Quintella *et al.* (2017).

A violência é outra maneira de se conseguir alívio e pode-se perceber sua manifestação quando se considera o aumento de casos de violência, que se manifestam em agressões, crimes hediondos, terrorismo e, ela também é vista quando o ser é agressivo consigo mesmo, pelo consumo de drogas, medicamentos e em casos mais graves, na via do suicídio (BARUS-MICHEL; CAMPS, 2003).

A somatização se configura como uma resposta às desordens psíquicas que não foram simbolizadas pelo ser, sendo assim se infere que os indivíduos não conseguem decodificar seus sentimentos e não tendo aporte verbal é o corpo que manifesta os sintomas (ÁVILA, 2012).

Conforme Fensterseifer e Werlang (2017) abordam, o ser contemporâneo lida com o constante sentimento de vazio, como o que importa é o que é visto, o que está dentro do ser é deixado de lado, as relações se tornaram mais superficiais e a solidão predomina como uma nova condição de vida. Assim o indivíduo precisa lidar com o sentimento de vazio e desamparo, ou seja, com o fato de estar só.

Assim é possível perceber atualmente, um homem que é transpassado pela globalização e pela exigência midiática de se ater aos padrões impostos, porém lhe falta o tempo necessário para processar psiquicamente a gama de informações e sensações que o mundo desperta, e com a busca incessante pela felicidade, sofre com o desamparo, tentando resolver através do consumo, acarretando o aparecimento das ditas patologias do vazio, como a depressão, síndrome do pânico, distúrbios alimentares, somatizações, as toxicomanias e adicções (SILVA; DIONISIO, 2020).

Com isso, faz-se necessário uma explanação acerca da psicopatologia atual. Birman (1999) traz uma importante reflexão acerca do momento psicopatológico da pós-modernidade e a influência que a teoria deboriana tem sobre ele. O autor

discorre que a psiquiatria, na década de 70, para se adequar ao modelo médico, se distancia do modelo psicanalítico que, até então era o método principal de tratamento psicopatológico. Essa aproximação da psiquiatria com a medicina traz também uma aproximação com a psicofarmacologia.

Isso se deve principalmente a evolução dos estudos neurocientíficos e a uma mudança de paradigma, vista que antes se privatizava o descobrimento da raiz do problema pela via subjetiva, como Freud buscava com a clínica de histéricas, porém com o passar do tempo e evolução social, viu-se a necessidade de se atentar apenas para a questão sintomática das psicopatologias, como pontua Sathler (2006). Como Ozelame (2018, p. 9) pontua “no contexto atual não se busca mais a cura e sim o alívio do mal-estar do sujeito.” Vive-se um momento em que as psicoterapias são apenas um plano secundário.

Convém ressaltar que nesse âmbito a cura reflete um estado de autoconhecimento e compreensão sobre si mesmo, enquanto o alívio se refere a um desejo de se livrar do sofrimento a todo custo. Porém há fuga do olhar para si, pelo medo de sofrer mais, afinal entrar em contato com a própria subjetividade não é um processo tão simples, e por ser uma alternativa mais demorada num modelo social que prega a rapidez, a medicalização ganha mais visibilidade (CAMPOS, 2007).

Birman (1999) aponta ao analisar periódicos da psiquiatria, que o interesse de tal área se pautava em três síndromes do vazio: depressões, toxicomanias e síndrome do pânico. O interesse não se dá porque há um aumento das três patologias, mas se dá pelo fato das toxicomanias terem apresentado um aumento exponencial nas últimas décadas, havendo inclusive o surgimento de novas formas de adicção.

Para o autor, o crescimento exponencial do uso de psicofármacos, como ansiolíticos e antidepressivos, acarreta novos surgimentos de toxicomanias. Pois na impossibilidade de parar para olhar para si próprio e cuidar de si, já que o mundo é demarcado por uma pressa e necessidade de consumo, o ser sofre, mas encontra nos medicamentos e nas drogas “pesadas” uma saída, tendo o alívio do mal-estar e possibilidade de continuar mantendo o mundo espetacular em funcionamento, constituindo assim uma alquimia perfeitamente aceitável nessa dinâmica social (BIRMAN, 1999).

Dados atuais evocam que o consumo de antidepressivos e ansiolíticos tem disparado nos últimos anos, principalmente com a pandemia do COVID-19, tendo se

instaurado em nossa sociedade. No Brasil, só no período de janeiro a maio de 2021 houve um aumento de 13% nas vendas, o que pode ser numerado como 4,782 milhões de unidades de cápsulas e comprimidos vendidos a mais que no mesmo período de 2020 (COLLUCCI, 2021).

Ferreira (2014) defende que o uso desses medicamentos se dá porque há uma busca de fugir da realidade, aliviando sentimentos negativos alcançando uma estabilidade psíquica. A indústria cultural também aparece nesse cenário, onde propagandas engrandecem o fator tranquilizador que esses medicamentos possuem, transformando os psicofármacos na solução para o sofrimento da população. É claro, que sua eficácia é comprovada e necessária em muitos casos, porém seu uso indiscriminado acontece, e assim eles se transformam em objetos de consumo, num mundo compulsivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociedade do Espetáculo mantém sua notoriedade e relevância mesmo após tantas décadas de seu lançamento, servindo de base para esse e tantos outros estudos já desenvolvidos sobre a temática. Sendo assim, é inegável demonstrar a importância desse trabalho para se analisar o modo de funcionamento da sociedade atual.

Freud aborda como uma vida em sociedade sempre trará consigo a impossibilidade da felicidade concreta, pois as leis e limites geram ao ser a necessidade de renunciar sobre seu desejo, portanto desse modo, ele prova que a cultura gera um mal-estar psíquico na população. Sendo essa teoria a base para as noções de sofrimento psíquico de vários autores da atualidade, que se preocupam com os caminhos subjetivos e psicopatológicos que a humanidade vem tomando.

As patologias narcísicas denotam que a sociedade vive imersa nesse mundo de imagens, seguindo normas e padrões de vida que as deixam mais infelizes e desamparadas. Para lidar com o desamparo e continuar fazendo o espetáculo funcionar, com a psicanálise e demais psicoterapias num segundo plano, surgem os medicamentos e drogas pesadas, prometendo alívio imediato ao ser que sofre.

Assim, as toxicomanias ganharam a cena do espetáculo, se tornando uma preocupação tanto para a psiquiatria quanto para a psicanálise, já que existem sim, muitos casos em que os medicamentos são precisos e recomendados, porém o que

se percebe na sociedade atual, é o uso desenfreado de medicamentos para que o ser consiga uma fuga e anestesia dessa modalidade de vida tão desgastante, onde todas relações são frágeis e o eu é priorizado.

O presente estudo se configura apenas como uma gota d'água no oceano diante da imensidão das possibilidades de investigação dessa temática que se torna cada vez mais importante e necessária, para quem sabe, começarmos a caminhar em direção a uma solução para a problemática apresentada.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

AFONSO, Jaqueline Ganzert. O American Way of Life na reconstrução da Europa no pós-guerra. **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual**, Curitiba, v. 1, n. 20, p. 218-252, mar. 2015. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/1183/371373022>. Acesso em: 18 mar. 21.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. Espetáculo, comunicação e comunismo em Guy Debord. **Kriterion: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 48, n. 115, p. 167-182, set. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2007000100010&script=sci_abstract&tlng=ES. Acesso em: 23 mar. 2021.

ÁVILA, Lazslo Antonio. O corpo, a subjetividade e a psicossomática. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 1, p. 51-69, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000100004. Acesso em: 01 out. 2021.

BARATTO, Geselda. A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 74-87, mar. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100007. Acesso em: 28 jun. 2021.

BARUS-MICHEL, Jacqueline; CAMPS, Christiane. Sofrimento e perda de sentido: considerações psicossociais e clínicas. **Psic: Revista de Psicologia da Vetor Editora**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 54-71, jun. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000100007. Acesso em: 30 set. 2021.

BELINTANI, Giovani. Histeria. **Psic: revista da Vetor Editora**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 56-69, dez. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000200008. Acesso em: 27 jun. 2021.

BELLONI, Maria Luiza. A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.4 n. 22,

p. 121-136, abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/TxVGXqDSP3vkp4LXgW5XcyN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BIRMAN, Joel. A psicopatologia na pós-modernidade. As alquimias no mal-estar da atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 35-49, mar. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/S3kLv5WNTwkqXG8Qc3fx3kN/?lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2021.

_____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Sobre a atualidade do mal-estar. **Psychê**, São Paulo, v. 20, n. 11, p. 185-189, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000100013. Acesso em: 05 out. 2021.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. Indústria cultural e sociedade do espetáculo: a dimensão política da crítica cultural. **Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 31-42, jun. 2016. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/institucional-casper/prof-dr-claudio-coelho-industria-cultural-e-sociedade-espetaculo-dimensao-politica-da-critica-cultural/> Acesso em: 18 mar. 2021.

COLLUCCI, Cláudia. Venda de antidepressivos cresce na pandemia e liga alerta para sofrimento mental. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 12-13. 31 jul. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/07/venda-de-antidepressivos-cresce-na-pandemia-e-liga-alerta-para-sofrimento-mental.shtml>. Acesso em: 06 out. 2021.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Tradução de: Estela dos Santos Abreu.

ENRIQUEZ, Eugène. Psicanálise e ciências sociais. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 153-174, dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/jDRbTN46rPwk5tdmwf37pyq/abstract/?format=html&lang=pt&stop=previous>. Acesso em: 30 jun. 2021.

FENSTERSEIFER, Liza; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Comportamentos autodestrutivos, subprodutos da pós-modernidade? **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 24, n. 47, p. 35-44, 1 nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19983/19273>. Acesso em: 01 out. 2021.

FERREIRA, Jonatas. Sofrimento e Silêncio: apontamentos sobre sofrimento psíquico e consumo de psicofármacos1. **Forum Sociológico**, São Paulo, n. 24, p. 121-128, 1 nov. 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/1133>. Acesso

em: 20 out. 2021.

FRANCO, Suélen Matozo *et al.* Depressão: mal do século ou demanda do século?. **Farol**: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 325-373, abr. 2016. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2722>. Acesso em: 07 out. 2021.

FREUD, Sigmund. Autobiografia. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 16**: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 376. Tradução de: Paulo César de Souza.

_____. **Correspondência de amor e outras cartas**: 1873-1939. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Tradução de: Agenor Soares dos Santos.

_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: estudos sobre a histeria (1893-1895). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Obras completas volume 4**: a interpretação dos sonhos (1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. **Obras completas volume 18**: o mal-estar na civilização e outros textos (1930-1936). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. **Obras completas volume 19**: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. **Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Tradução: Paulo César de Souza.

FULGENCIO, Leopoldo. A compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das psicopatologias. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 30-44, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/zm4NpG84GPNkybJQYR3tGWH>. Acesso em: 27 jun. 2021.

HARITÇALDE, Christian Campos de Oliveira. **Sonho e espetáculo**: uma aproximação à *guy debord*. 2014. 68 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-01102014-151345/pt-br.php>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015. Tradução: Robespierre de Oliveira.

INADA, Jaqueline Feltrin. FELICIDADE E MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO. **Adverbum**, Limeira, v. 6, n. 1, p. 74-88, jul. 2011. Disponível em: https://psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol6_1/06_01_06felicidademalestarciviliz.pdf. Acesso em: 05 jul. 2021.

JACQUES, Paola Berenstein. Breve histórico da Internacional Situacionista – IS. **Arquitextos**, São Paulo, ano 03, v 05 n. 035, p. 112-118, abr. 2003. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

JAPPE, Anselm. **As aventuras da mercadoria**: para uma nova crítica do valor. Lisboa: Antígona, 2006. Tradução de: José Miranda Justo.

JAPPE, Anselm. **Guy Debord**. Petrópolis: Vozes, 1999. Tradução de: Iraci D. Poleti.

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p. 71-85, jul. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/20102>. Acesso em 04 dez. 2020.

LEITE, Renata Franco. Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 43, p. 139-144, jul. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100014. Acesso em: 02 jul. 2021.

MARCOS, Cristina Moreira; OLIVEIRA JUNIOR, Ednei Soares de. Terapêutica e desejo de saber: o jovem freud e sua formação médica. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 7, n. 36, p. 43-54, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300004. Acesso em: 28 jun. 2021.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Tradução de: Regis Barbosa e Flávio R. Khote.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 10, n. 2, p. 287-294, ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/SkZrvYm5kDQr3yd4QtHYcTm/?lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2021.

OZELAME, Angélica. **O Mal-Estar na Atualidade**: um ensaio sobre as formas de mal-estar na cultura. 2018. 25 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade Meridional, Passo Fundo, 2018. Disponível em: <https://www.imed.edu.br/Uploads/ANG%C3%89LICA%20OZELAME.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

PAIVA, Juliana Zanetti de; OLIVEIRA, Robson José Feitosa de. A Sociedade do Espetáculo: uma autotradução como crítica. **Non Plus**, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 139-155, jul. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/99220>. Acesso em: 19 mar. 2021.

QUINTELLA, Rogerio Robbe *et al.* A função do consumo na constituição do sujeito e sua relação com as compulsões: de freud à atualidade. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 36, p. 221-241, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-62952017000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 set. 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUBIN, Claudio Eduardo. Entre a neuropatologia de Charcot e a psicologia de Bernheim: considerações sobre a hipnose nos primórdios da pesquisa freudiana. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 102-127, jul. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000100007. Acesso em: 29 jun. 2021.

SATHLER, Conrado Neves. O ensino de psicopatologia e os discursos na pós-modernidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA, 2., 2006, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 2006. p. 1-16. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/ii_congresso_internacional/mesas_redondas/ii_con_o_ensino_de_psicopatologia_e_os_discursos.pdf. Acesso em: 25 set. 2021.

SILVA, Juliana Medeiros; DIONISIO, Gustavo Henrique. O sujeito no contemporâneo e as manifestações psíquicas. **Revista da Sbph**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 158-171, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582020000100014. Acesso em: 03 out. 2021.

SILVA, Laura Belluzzo de Campos. Subjetividade como mercadoria e a doença normótica. **Ide**, São Paulo, v. 39, n. 63, p. 59-78, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01013-1062017000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 out. 2021.

VISCARDI, Adriana Woichinevski *et al.* NARCISISMO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: consumo e beleza feminina nas capas da revista claudia. **Revista Estação Científica**, Juiz de Fora, v. 01, n. 07, p. 1-20, jun. 2012. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/4330/narcisismo-na-sociedade-do-espetaculo.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me guiado até aqui, me dando força e saúde.

A Cecília Silva Salomão, por ter me apresentado a psicanálise, bem como à Sociedade do Espetáculo.

Ao meu orientador Charles Magalhães de Araújo, pela paciência e orientações pontuais.

A Larissa Isaura Gomes por sua coordenação pontual, batalhando dia após dia pelo desenvolvimento da Psicologia em nossa cidade.

A Danielly Martins Nunes, pelo apoio constante em todo desenvolvimento do presente trabalho.

Aos meus pais, pelo amor incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meu muito obrigado.